

7 POLÍTICA AGRÍCOLA

INTRODUÇÃO

Devido à grande influência que variações na taxa de câmbio e nos preços internacionais das *commodities* agrícolas exercem sobre os preços agrícolas domésticos, a agricultura brasileira vem sendo muito afetada pela instabilidade cambial que se abateu sobre a economia brasileira nos últimos 12 meses. Por um lado, ao se elevarem os preços agrícolas, a produção cresceu de forma impressionante no último ano agrícola, e promete continuar crescendo no próximo ano. Por outro lado, como os preços agrícolas são muito importantes na formação do custo da cesta básica, sua elevação causa uma perda de renda real da população mais pobre, já que essa alta dos preços dos alimentos básicos não vem sendo repassada para os salários.

Nesta seção, será feito um balanço do comportamento recente dos preços agrícolas domésticos, com foco na comparação entre a variação desses preços domésticos e a variação dos “preços de fronteira”. Essa análise vai distinguir três períodos: *a*) de maio a outubro de 2002; *b*) de outubro de 2002 a maio de 2003; e *c*) de maio de 2002 a maio de 2003. Além disso, esta seção colocará em discussão o problema da elevação do custo da cesta básica, propondo algumas medidas que a política econômica já deveria estar tomando no sentido de minorar esse efeito negativo da alta dos preços agrícolas.

A EVOLUÇÃO RECENTE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

Tomando-se como base de comparação os níveis atingidos no início deste ano, pode-se dizer que os preços agrícolas vigentes atualmente apresentam-se inalterados ou inferiores — em alguns casos, *significativamente* inferiores, como o milho e a soja. (Tabelas 7.1 e 7.2) O único caso que realmente destoa dos demais é o do arroz, que, em plena safra, vem apresentando uma alta significativa.

No caso do milho, a queda em seu preço vem sendo, de fato, maior do que é indicado na Tabela 7.1. Como o Gráfico 7.1 mostra, o preço do milho caiu de um patamar de R\$ 30 no final do ano para o preço atual próximo de R\$ 15, tendo, assim, caído à metade.

No caso das carnes, a mudança de comportamento também foi muito significativa, como é mostrado nos Gráficos 7.2 e 7.3.

Esse comportamento recente mais favorável dos preços agrícolas reflete, em grau diferenciado, os efeitos da safra, da taxa de câmbio e dos preços internacionais. Para verificar melhor a importância relativa de cada um desses fatores, preparamos a Tabela 7.4, em que calculamos a variação dos preços internacionais convertidos em reais (os preços de fronteira) e comparamos os resultados com as variações dos preços domésticos dos mesmos produtos; isso foi feito para três períodos: *a*) maio a outubro de 2002; *b*) outubro de 2002 a

TABELA 7.1

Preços Agrícolas em Nível de Produtor ou Atacado — 2001-2003

[em R\$/unidade]

Período	Arroz Agulhinha ^A (Saca de 50 kg)		Arroz Agulhinha ^P (Saca de 50 kg)		Feijão Preto ^P (Saca de 60 kg)		Feijão Cores ^A (Saca de 60 kg)	
	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03
	Junho	29,6	29,5	15,4	17,4	59,0	55,9	61,4
Julho	28,5	29,3	15,1	18,0	62,1	64,1	62,1	89,8
Agosto	28,7	31,3	15,7	20,7	74,9	62,7	65,5	75,8
Setembro	32,8	32,5	18,7	21,4	84,1	61,8	62,2	77,6
Outubro	33,7	39,9	19,0	26,3	88,5	68,6	65,2	76,6
Novembro	33,1	40,9	18,8	28,8	80,1	64,4	54,0	93,2
Dezembro	32,6	38,0	18,5	28,0	70,4	67,0	55,9	116,0
Janeiro	31,5	37,6	17,8	28,0	58,7	59,3	70,2	120,8
Fevereiro	29,1	37,7	15,8	26,4	54,5	60,8	66,7	114,2
Março	27,5	37,1	14,8	24,9	57,4	67,6	66,2	129,0
Abril	27,2	44,6	15,2	30,1	55,3	66,5	68,2	128,2
Maió*	29,2	51,0	16,5	34,3	52,7	65,3	66,7	121,7

Período	Milho ^A (Saca de 60 kg)		Trigo ^P (Saca de 60 kg)		Café Conillón ^P (Saca de 60 kg)		Café Arábica ^P (Saca de 60 kg)	
	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03
	Junho	10,0	14,7	16,0	19,7	-	65,7	125,2
Julho	10,9	15,9	16,5	21,4	-	69,8	117,0	104,7
Agosto	12,5	17,5	16,3	24,6	-	72,5	113,9	109,2
Setembro	12,7	19,5	16,0	28,6	-	94,7	112,0	136,0
Outubro	12,8	24,8	15,6	36,9	-	114,6	104,4	167,7
Novembro	13,4	30,8	16,2	32,3	55,8	134,0	111,1	178,7
Dezembro	13,6	28,9	16,2	29,0	51,7	146,9	105,0	184,1
Janeiro	13,5	27,9	16,7	28,9	50,7	151,3	110,0	190,7
Fevereiro	13,5	24,9	17,1	29,7	49,4	151,7	110,8	193,0
Março	12,6	23,8	17,2	30,7	55,5	130,4	116,4	174,9
Abril	13,5	22,9	17,1	31,1	57,4	125,4	117,8	175,0
Maió*	14,5	21,4	18,1	29,3	58,6	116,4	107,5	175,3

Fontes: 1) Conab: arroz agulhinha, feijão cores e milho; 2) Seab/Deral: feijão preto e trigo; 3) Cepea: café conillón e café arábica. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^P Produtor (principal estado produtor): arroz agulhinha = RS, feijão preto = PR, trigo = PR, café conillón = ES, café arábica = SP. ^A Atacado: agulhinha = SP, feijão cores = SP, milho = SP. * Os preços são referentes às duas primeiras semanas de maio.

GRÁFICO 7.1

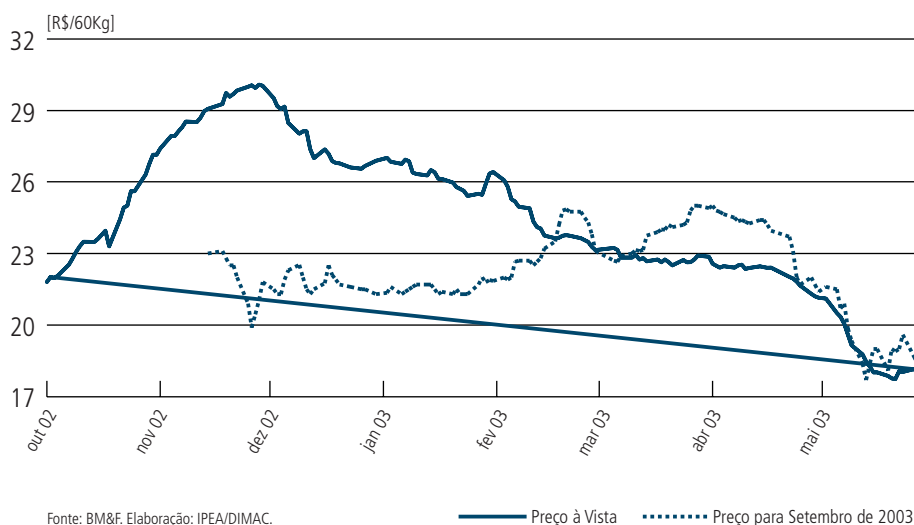
Evolução do Preço do Milho — Out.2002/Mai.2003

TABELA 7.2

Preços Agrícolas em Nível de Produtor ou Atacado — 2001-2003

[em R\$/unidade]

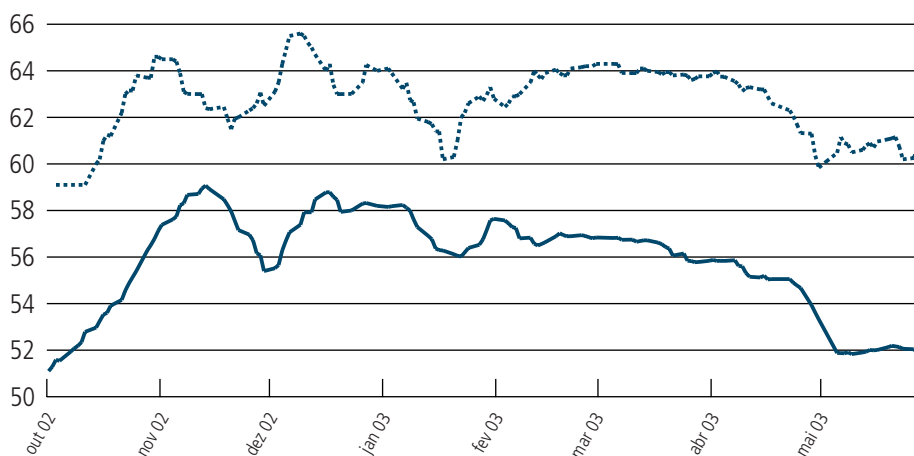
Período	Algodão ^A (15 kg)		Soja ^P (Saca de 60 kg)		Bovinos ^P (15 kg)		Frango ^P (1 kg)	
	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03
	Junho	28,5	32,3	21,2	27,9	41,4	43,0	1,29
Julho	28,5	35,0	25,0	31,6	41,7	44,3	1,18	1,05
Agosto	28,6	40,6	26,5	35,1	42,8	49,8	1,06	1,18
Setembro	28,6	47,1	27,6	39,7	43,6	50,3	1,05	1,22
Outubro	28,2	48,9	28,6	44,7	47,2	54,1	0,93	1,25
Novembro	27,0	54,0	29,8	45,5	46,4	58,7	1,15	1,45
Dezembro	28,4	60,0	26,6	47,1	46,8	58,4	1,32	1,46
Janeiro	30,4	62,1	24,1	42,2	46,5	58,2	1,31	1,51
Fevereiro	33,0	59,8	21,2	41,1	46,0	58,0	1,26	1,47
Março	32,6	58,5	20,3	38,5	45,4	57,5	1,07	1,48
Abril	32,2	62,6	21,4	35,8	43,1	56,2	0,98	1,46
Maió*	32,2	61,6	24,0	34,8	42,3	53,9	0,99	1,36

Período	Suínos ^P (1 kg)		Leite Tipo C ^P (Litro)		Açúcar ^A (R\$/Saca de 50kg)		Álcool ^A (R\$/Litro)	
	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03
	Junho	1,81	1,57	0,41	0,39	23,4	18,8	0,57
Julho	1,87	1,67	0,40	0,40	23,7	19,2	0,59	0,47
Agosto	1,86	1,51	0,36	0,40	22,8	23,0	0,62	0,49
Setembro	1,73	1,59	0,33	0,40	23,6	24,5	0,63	0,57
Outubro	1,85	1,80	0,30	0,40	23,9	34,5	0,63	0,65
Novembro	2,17	1,93	0,28	0,42	23,8	40,1	0,63	0,76
Dezembro	2,13	2,15	0,28	0,44	24,4	39,8	0,63	0,78
Janeiro	2,05	2,26	0,28	0,44	25,6	41,9	0,62	0,92
Fevereiro	1,78	2,26	0,30	0,43	22,9	45,2	0,61	1,03
Março	1,61	2,47	0,32	0,46	21,3	43,9	0,61	1,01
Abril	1,44	2,16	0,35	0,48	20,8	39,2	0,61	1,00
Maió*	1,39	2,11	0,37	n.d.	20,7	34,5	0,57	0,97

Fontes: 1) Conab: algodão, soja, bovinos, frango e suínos; 2) Cepea: leite tipo C, açúcar e álcool. Elaboração: IPEA/DIMAC.

Notas: ^PProdutor (principal estado produtor): soja = PR, bovinos = SP, frango = SP, suínos = SP e leite = MG. ^AAtacado: algodão = SP, açúcar = SP, álcool = SP.*Os preços são referentes às duas primeiras semanas de maio.
n.d. = não-disponível.

GRÁFICO 7.2

Evolução do Preço do Boi Gordo — Out.2002/Mai.2003

Fonte: BM&F. Elaboração: IPEA/DIMAC.

— Preço Corrente Preço para Outubro de 2003

TABELA 7.3

Preços Agrícolas Internacionais — 2001-2003

Período	Soja em Grão (US\$/t)		Milho (US\$/t)		Trigo (US\$/t)		Algodão (US\$/Cents/lp)	
	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03
	Junho	170	185	76	83	94	106	41
Julho	187	209	84	91	101	120	41	46
Agosto	182	208	85	102	99	128	39	45
Setembro	172	208	85	106	100	147	36	42
Outubro	161	200	82	99	103	144	31	44
Novembro	162	210	81	96	104	142	33	48
Dezembro	160	208	81	94	104	127	36	50
Janeiro	160	209	81	93	109	118	37	51
Fevereiro	160	210	81	93	103	120	36	51
Março	169	210	80	92	102	110	38	56
Abril	171	222	78	94	99	105	36	57
Maió*	177	233	81	97	100	115	35	53

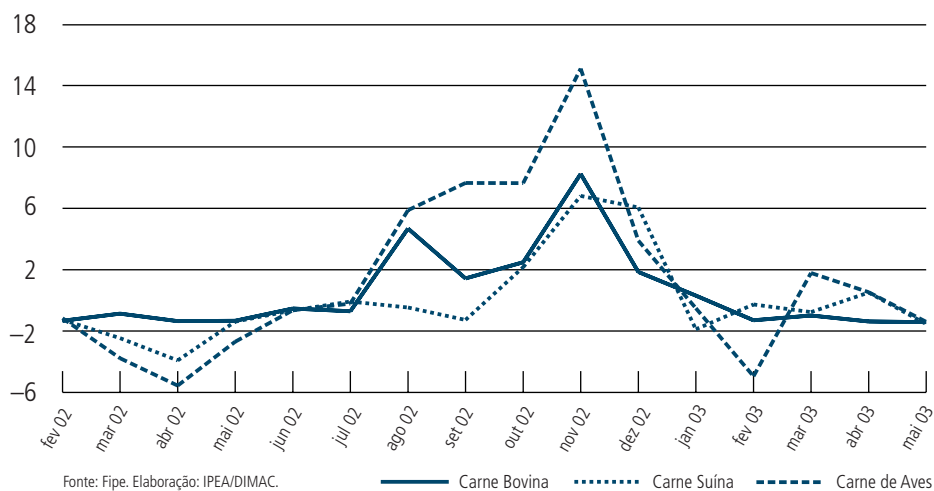
Período	Café Arábica (US\$/Cents/lp)		Arroz (US\$/t)		Açúcar (US\$/Cents/lp)	
	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03	Jun.01 a Mai.02	Jun.02 a Mai.03
	Junho	57	48	173	208	8,9
Julho	53	49	178	204	8,6	5,8
Agosto	50	48	173	195	8,0	5,9
Setembro	49	57	176	191	7,4	6,7
Outubro	45	62	173	192	6,6	7,3
Novembro	45	66	178	192	7,3	7,5
Dezembro	45	62	184	189	7,4	7,6
Janeiro	48	65	198	203	7,4	7,9
Fevereiro	45	63	201	200	6,3	8,8
Março	52	58	194	199	6,1	7,9
Abril	54	62	196	198	5,8	7,5
Maió*	49	67	205	201	5,6	7,0

Fontes: 1) Conab: soja em grão, milho, trigo, algodão, café arábica, arroz e açúcar; 2) FMI: café robusta.
Elaboração: IPEA/DIMAC.

*Os preços são referentes às duas primeiras semanas de maio.

GRÁFICO 7.3

Taxas de Variação Mensal dos Preços das Carnes Bovina, Suína e de Aves no Varejo — Fev.2002/Mai.2003



maio de 2003; e c) maio de 2002 a maio de 2003. Essas taxas de variação dos preços internacionais convertidos em reais são então comparadas, nessa Tabela 7.4, com as taxas de variação dos preços domésticos dos mesmos produtos. As taxas de variação cambial para cada um desses períodos são também indicadas na tabela.

Pode-se ver que, no período de outubro de 2002 a maio de 2003, houve uma queda generalizada dos preços de fronteira, fruto da valorização cambial de 22,4% e do comportamento mais favorável dos preços internacionais nesse período. Os produtos que destoam desse comportamento geral são o arroz e o algodão. No caso particular do arroz, seus preços domésticos subiram cerca de 28%, embora os preços de fronteira tivessem caído quase 19%. Note-se, também, que, no caso do trigo, em que os preços domésticos caíram cerca de 28%, os cálculos da tabela mostram que, na realidade, deveriam ter caído quase 40%.

Outro comportamento digno de nota é o caso da soja, cujo preço caiu 25%, embora o preço de fronteira tivesse caído apenas 10%. Trata-se, aqui, do fenômeno conhecido como queda da razão preço doméstico/preço internacional da soja entre a entressafra brasileira (safra americana) e a safra brasileira (entressafra americana).

A terceira parte da Tabela 7.4, finalmente, apresenta a comparação entre os preços domésticos e esses preços de fronteira para todo o período entre maio de 2002 e maio de

TABELA 7.4

Principais Produtos Agrícolas — Taxas de Variação dos Preços Internacionais Convertidos em Reais e dos Preços Domésticos

Produtos	Taxas de Variação dos Preços Internacionais Convertidos em Reais	Taxas de Variação dos Preços Domésticos	Taxas de Variação dos Preços Internacionais
Maio 2002 a Outubro 2002 (Variação Cambial de 53%)			
Trigo	122,5	124,6	45,0
Soja em Grão	74,0	93,5	13,4
Açúcar	98,1	68,1	29,1
Milho	88,5	64,6	22,8
Arroz	43,7	36,6	-6,4
Algodão	91,6	51,9	24,8
Café Arábica	93,0	68,1	25,8
Outubro 2002 a Maio 2003 (Variação Cambial de -22%)			
Trigo	-38,2	-27,8	-20,3
Soja em Grão	-9,8	-25,0	16,3
Açúcar	-25,3	-0,9	-3,7
Milho	-24,2	-10,4	-2,3
Arroz	-18,8	27,8	4,7
Algodão	-6,3	25,8	20,9
Café Arábica	-16,9	-3,0	7,1
Maio 2002 a Maio 2003 (Variação Cambial de 19%)			
Trigo	37,5	62,1	15,5
Soja em Grão	57,0	45,0	31,9
Açúcar	48,0	66,6	24,3
Milho	42,9	47,5	20,0
Arroz	16,7	74,6	-2,0
Algodão	79,6	91,1	50,9
Café Arábica	60,4	63,0	34,7

Fonte: Conab. Elaboração: IPEA/DIMAC.

2003. Tornam-se mais claras as divergências entre esses preços nos casos de arroz e trigo, que são exatamente os produtos cujo suprimento doméstico está sendo dificultado por uma dependência atualmente indevida das importações da Argentina, como será mostrado a seguir.

PREÇOS AGRÍCOLAS, CESTA BÁSICA E POLÍTICA ECONÔMICA

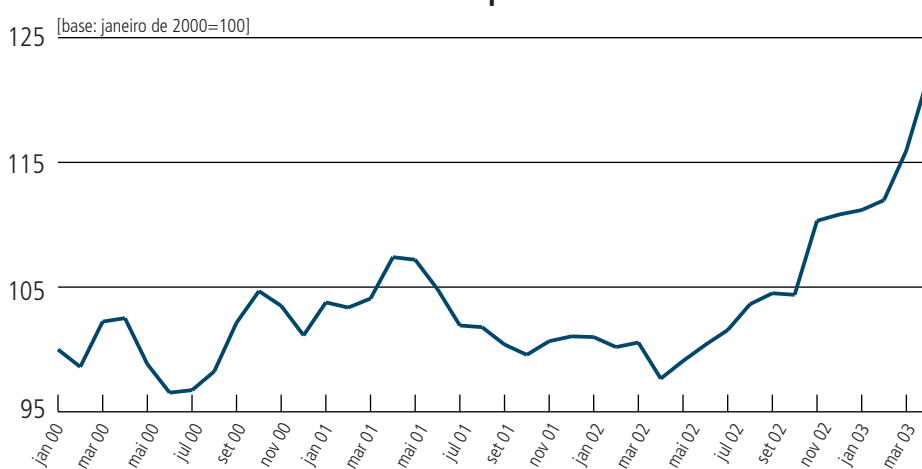
Como não poderia deixar de ser, a forte alta dos preços agrícolas que ocorreu desde o ano passado vem afetando de forma expressiva o custo da cesta básica. Com efeito, como mostra o Gráfico 7.4, o índice do valor real da cesta básica, que vinha se mantendo estável até o início do ano passado, dispara junto com a desvalorização do real e sobe nada menos que 20%. Tendo em vista a desindexação salarial e a redução geral do nível de atividade econômica nesse período, pode-se esperar que essa alta de preços da cesta básica esteja tendo um forte impacto negativo sobre a renda real da população mais pobre.

Em face disso, cabe discutir as medidas de política econômica que o governo — à parte uma intensificação de sua atuação através das políticas sociais — poderia adotar com o objetivo de atenuar a alta dos preços dos alimentos ou diminuir as conseqüências negativas dessa alta.

Como já se apontou no número anterior deste boletim, esse problema está sendo magnificado por um desempenho particularmente desfavorável dos preços de alguns alimentos básicos, como o feijão, o arroz e o milho (este último, até o ano passado). No caso do feijão, mostrou-se que a alta exagerada dos preços do feijão cores se deveu mais à queda da qualidade do produto do que da quantidade produzida. Sugeriu-se que esse fraco desempenho do feijão pode ser devido a uma falta de prioridade na pesquisa agrícola e/ou à ausência de uma política de maiores incentivos econômicos à cultura. Quanto ao arroz, apontou-se que as restrições às importações de países fora do Mercosul (como os Estados Unidos e a Tailândia), que continuam vigorando, não fazem mais sentido, uma vez que a Argentina e o Uruguai reduziram dramaticamente a produção do cereal, tornando-se, assim, incapazes de complementar de forma adequada o abastecimento do mercado nacional. Situação similar à do arroz é a do trigo, já que a Argentina tem usado sua vantagem no mercado brasileiro para colocar seu produto a preço acima do mercado internacional, como os cálculos efetuados para a Tabela 7.4 indicaram.

GRÁFICO 7.4

Custo da Cesta Básica no Município de São Paulo



Fontes: Dieese e IBGE. Deflator: IPCA.

Finalmente, no caso do milho, vem sendo apontado, em vários números anteriores deste boletim, que o governo vinha mantendo uma inércia excessiva quanto ao mercado desse cereal, o que gerou forte instabilidade de oferta e situações de escassez aguda do produto, como aconteceu no ano passado.

Comprovando o que foi dito, as Tabelas 7.5 e 7.6 mostram que ocorreu uma queda dramática na produção de arroz na Argentina e no Uruguai nos últimos anos. Isso se deveu, inicialmente, à perda de competitividade desses países no mercado brasileiro, devido à desvalorização do real, e, depois, à crise econômica que atingiu esses países a partir de 2001. Acompanhando a queda da produção agrícola nesses países, vê-se que ocorreu uma diminuição muito forte nas nossas importações de algodão, arroz e milho desses países (ver Tabelas 7.6 e 7.7).

Assim, não faz sentido que o nosso acesso aos mercados internacionais de produtos agrícolas, com destaque para o arroz, continue restringido pelas normas que regem o Mercosul, já que a consequência disso tem sido uma penalização indevida dos consumidores brasileiros de alimentos, sobretudo os mais pobres.

No caso do milho, finalmente, o governo, como se apontou no boletim anterior, deixou de lado a atitude passiva e passou a atuar no mercado, através da oferta de contratos de opção de vendas vincendos no segundo semestre. Visou, com isso, evitar que o preço do milho caísse no período atual a ponto de viabilizar as exportações do cereal. Aliás, essa política de sustentação dos preços domésticos se mostrou particularmente adequada em face do aumento previsto da produção de milho 2ª safra, a qual, na ausência de uma política de “internalização” do produto, certamente seria carreada para o exterior, fazendo com que

TABELA 7.5
Argentina: Evolução da Produção Agrícola — 1995-2003
[em 1.000 t]

Anos	Algodão em Carçoço	Arroz em Casca	Feijão	Milho	Soja	Trigo
1995	1.123	926	238	11.404	12.133	9.542
1996	1.347	986	218	10.518	12.448	16.107
1997	1.030	1.205	269	15.537	11.005	15.087
1998	987	1.011	303	19.361	18.732	12.601
1999	618	1.658	340	13.504	20.000	15.479
2000	417	904	297	16.781	20.207	16.147
2001	509	859	263	15.365	26.883	17.723
2002	218	713	278	14.710	30.000	15.428

Fontes: FAO, Conab: arroz e USDA: trigo.

TABELA 7.6
Produção e Importações Brasileiras de Arroz do Uruguai — 1995-2003
[em 1.000 t]

Período	Produção de Arroz	Importações Brasileiras	
		Em Casca	Beneficiado
1995	806	176	222
1996	974	114	369
1997	1.024	104	358
1998	950	130	382
1999	1.300	100	333
2000	1.209	n.d.	418
2001	1.030	30	476
2002	950	85	347

Fontes: 1) FAO: produção; 2) Conab: importações.
n.d. = não-disponível.

TABELA 7.7
Brasil: Importações da Argentina — Produtos Selecionados — 1995-2003
 [em 1.000 t]

Período	Algodão em Pluma	Arroz		Milho	Trigo	Feijão Preto
		Em Casca	Beneficiado			
1995	36	38	278	797	3.741	63
1996	128	41	252	199	3.764	55
1997	149	83	254	383	3.700	127
1998	89	126	361	1.549	5.843	137
1999	102	316	200	531	6.569	47
2000	23	176	86	1.517	7.208	58
2001	13	178	65	323	6.789	101
2002	1	122	58	31	5.423	56

Fonte: Conab.

o país permanesse sem estoques do cereal, ficando, então, sujeito a uma situação de crise como aconteceu no ano passado.

A NOVA PREVISÃO DA CONAB PARA A SAFRA DE GRÃOS EM 2003

A Tabela 7.8 apresenta as últimas previsões de safra de grãos da Conab, que já são bastante conhecidas e que, portanto, podem deixar de ser comentadas aqui. Um aspecto importante

TABELA 7.8
Conab — Quarto Levantamento de Safra 2002-2003 e Comparação com a Safra 2001-2002
 [em 1.000 t]

Cultura	Área Plantada (em 1.000 ha)			Produção de Grãos (em 1.000 t)		
	Safra 2001-2002	Safra 2002-2003	Variação (%)	Safra 2001-2002	Safra 2002-2003	Variação (%)
Algodão	747,7	736,7	-1,5	1.244,9	1.351,4	8,6
Arroz	3.219,6	3.172,1	-1,5	10.626,1	10.616,1	-0,1
Sul	1.203,8	1.169,1	-2,9	6.576,6	6.221,7	-5,4
Centro-Oeste	605,2	593,1	-2,0	1.650,1	1.652,9	0,2
Norte	529,5	541,1	2,2	1.090,0	1.193,0	9,4
Nordeste	735,3	733,3	-0,3	966,4	1.223,2	26,6
Feijão Total	4.271,2	4.294,6	0,5	2.956,5	3.231,9	9,3
Feijão 1ª Safra	1.417,3	1.410,0	-0,5	1.303,0	1.240,4	-4,8
Centro-Sul	1.008,6	1.005,4	-0,3	1.131,9	1.090,3	-3,7
Nordeste	406,0	401,9	-1,0	169,7	148,7	-12,4
Feijão 2ª Safra	2.029,2	2.049,1	1,0	1.030,2	1.278,9	24,1
Centro-Sul	540,3	541,3	0,2	550,9	594,4	7,9
Norte	161,9	157,6	-2,7	109,7	115,7	5,5
Nordeste	1.327,0	1.350,2	1,7	369,6	568,8	53,9
Feijão 3ª Safra	824,7	835,5	1,3	623,3	712,6	14,3
Milho Total	12.318,8	12.720,1	3,3	35.280,7	42.757,5	21,2
Milho 1ª Safra	9.433,8	9.527,6	1,0	29.100,2	33.696,6	15,8
Centro-Sul	6.563,5	6.551,7	-0,2	26.507,1	29.945,6	13,0
Norte	491,3	502,6	2,3	855,1	987,5	15,5
Nordeste	2.379,0	2.473,3	4,0	1.738,0	2.763,5	59,0
Milho 2ª Safra	2.885,0	3.192,5	10,7	6.180,5	9.060,9	46,6
Centro-Sul	2.562,4	2.869,9	12,0	5.916,0	8.770,6	48,3
Nordeste	322,6	322,6	0,0	264,5	290,3	9,8
Soja	16.327,9	18.086,4	10,8	41.915,3	50.325,0	20,1
Trigo	2.051,6	2.306,1	12,4	2.913,9	4.514,7	54,9
Outras Lavouras*	1.178,6	1.232,3	4,6	1.656,3	2.113,0	27,6
Brasil	40.219,4	42.688,6	6,1	96.732,5	115.211,5	19,1

* Outras lavouras: amendoim, aveia, centeio, cevada, girassol, sorgo e mamona.

e que contudo, não tem atraído a atenção, é a melhoria esperada da produção agrícola no Nordeste. Esse é um aspecto que não interessa muito do ponto de vista do total da safra de grãos, mas do ponto de vista sociorregional é muito significativo, já que uma população muito numerosa, que vive do consumo do seu próprio produto, não terá, este ano, de passar fome, como acontece quando o clima não é favorável à produção agrícola. Essa maior “segurança” alimentar da população rural nordestina este ano é, sem dúvida, uma dádiva divina, pois só faltava que o maior custo da cesta básica no Brasil como um todo fosse acompanhado de escassez alimentar no meio rural nordestino.

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Esta seção teve por objetivo apresentar uma análise detalhada do comportamento recente dos preços agrícolas, uma questão que se tornou muito mais complicada este ano, em função da instabilidade cambial e dos preços internacionais das *commodities*, aspectos que, aparentemente, deixaram em segundo plano a influência da safra.

Não obstante essa maior complexidade da análise, foi possível apontar o papel decisivo do comportamento da safra no caso daqueles produtos cujo preço varia dentro de uma banda em que o piso é dado pelo preço FOB exportação e o teto é dado pelo preço CIF importação. Esse é o caso, especialmente, do arroz e do milho, o que explica o comportamento aparentemente anômalo do preço do arroz — forte elevação precisamente na época da safra — e do milho, de queda significativa. O que acontece é que, no caso do arroz, a escassez do produto doméstico e as dificuldades de importação fizeram o preço interno se mover, dentro da banda, em direção ao preço CIF importação, enquanto o preço do milho, que se encontrava alto, perto da paridade CIF importação, despencou em direção ao piso FOB exportação, já que mudaram as expectativas quanto ao abastecimento doméstico de milho.

Mostrou-se que é necessário uma presença mais ativa do governo nesse contexto, já que uma alta de preços agrícolas dessa magnitude tem conseqüências muito negativas para o nível de bem-estar da população mais pobre. Apontou-se que, à parte uma intensificação maior de políticas de cunho social, é possível atuar no caso de produtos como o arroz e o milho, não só evitando que os seus preços passem a ser ditados pelas paridades CIF importação, mas, sobretudo, no caso do arroz, fazendo com que essas paridades CIF importação se reduzam, abrindo-se mais a economia brasileira às importações de alimentos de países fora do Mercosul, já que a Argentina e o Uruguai, que vêm atravessando uma crise no setor agrícola, não têm atuado de maneira satisfatória no sentido de complementar nosso abastecimento.